

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 389 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

Grupo de Diálogo 07: Cultura, Tecnologia, Formação e Territórios: experiências com comunidades tradicionais e saberes étnico-raciais.

Reflexões para e com uma comunidade quilombola alagoana

Rafaella Gregório de Souza, Universidade Federal de Alagoas – UFAL, rafaela.gregorioo@gmail.com.
Anderson Silva Santos, Universidade Federal de Alagoas – UFAL.
Valeria Campos Cavalcante, Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

Palavras-chave: Cultura, Tecnologia, Formação, Territórios.

INTRODUÇÃO

O presente relato, nasce após as experiências vivenciadas em um projeto de extensão sobre contos, causos e histórias de uma comunidade quilombola, localizada no interior alagoano. O projeto desenvolvido, teve como tentativa, resgatar a identidade dos moradores de uma comunidade quilombola pertencente a zona urbana, pois, a maioria dos moradores, sobretudo os jovens, não se reconheciam como sendo remanescente Quilombola, ou não sabiam o que isso significava.

Conhecendo essa realidade, buscou-se contribuir com e para estes moradores locais, sobre o resgate cultural, identidade quilombola, culturas e tradições da comunidade. Para isso, consideramos as particularidades locais, sendo um Quilombo urbano, sem representatividade declarada, localizado no interior Alagoano, que tinha carência de projetos que buscassem contribuir significativamente para e com estes sujeitos.

Considerando que as relações étnico-raciais devem e precisam ser discutidas dentro das comunidades quilombolas, o projeto desenvolvido, implementou ações afirmativas, para que os sujeitos desta comunidade quilombola, pudessem vivenciar igualdade de oportunidades em nossa sociedade tão excludente, sobretudo para os sujeitos idosos.

Diante da dimensão desta pesquisa trazemos aqui um recorte, mais especificamente as reflexões vivenciadas durante os caminhos percorridos.

DESENVOLVIMENTO

Embasados na contextualização de que o termo Quilombo foi tomando novo contorno e chega aos dias atuais como um movimento amplo e permanente que se caracteriza pela vivência de povos africanos que se recusavam à exploração, à violência do escravismo; locais e formas associadas que foram criadas em florestas de difícil acesso, com organização própria, formadas por grupos de resistência (NASCIMENTO, 2008).

Notamos que o Quilombo se caracteriza como um movimento realizado por pessoas não somente negras, mas também marginalizadas da sociedade, e pessoas na qual tem intuito de manter resistência, conservando sua perspectiva de progresso, à medida que acentua a diversidade (SIQUEIRA, 1995).

Especificando o Quilombo que é nosso foco de pesquisa, considera-se que é um quilombo urbano composto, em sua grande maioria, por famílias nucleares (morando juntos pais e filhos), porém existem outras famílias em que vivem juntos os avós, os genros, noras, netos. Destaca-se ainda o grande grau de parentesco entre a maioria dos moradores da comunidade.

A comunidade tem seu perfil histórico similar a tantas outras comunidades remanescentes Quilombolas, na qual, diante da ausência de discussões referente a identidade quilombola, percebe-se haver entre muitos moradores, sobretudo entre os jovens, o desconhecimento sobre a história, e a cultura do Quilombo.

As famílias da comunidade analisada, são compostas por membros sobre determinadas condições sociais e em determinadas porções do território quilombola, compreendido entre os segmentos familiares pais, filhos, netos e avós. Na comunidade, há um número muito pequeno de trabalhadores que são concursados (professores, serviçais, vigilante, bombeiros e garis). Quanto ao nível de escolaridade, 40% tem Ensino Fundamental incompleto, 5% tem o Ensino Médio completo, 50% são considerados Analfabetos e 5% possuem Nível Superior.

No aspecto econômico, o bairro possui um pequeno comércio e percebe-se na comunidade uma forte influência do trabalho informal, por haver significativa quantidade de trabalhadores que não conseguem ingressar no mercado formal.

As famílias da comunidade são na sua grande maioria de baixa renda e muitas sobrevivendo através da agricultura, beneficiárias do programa do governo Federal "Bolsa Família", como complemento salarial (este condicionado à frequência escolar). Muitos jovens e chefes de família migram em busca de trabalho nos grandes centros urbanos, ficando responsáveis pela manutenção do lar às mulheres e os avós aposentado

Ressalta-se ainda a importância da aposentadoria como fonte de renda entre os moradores da comunidade, estando muitos jovens desempregados na comunidade há muitos trabalhadores informais. Assim, a informalidade representa o sustentáculo de muitas famílias da comunidade.

Como podemos observar, o bairro permanece, há décadas, sem investimento em todos os aspectos, só há um posto de saúde, para atender a toda comunidade, faltam espaços culturais e de lazer. Outro fator agravado pelo descaso dos governantes, no bairro, diz respeito à falta de segurança pública, havendo registro de altos índices de violência, como: furtos, assaltos, roubos, arrombamentos, porte e consumo de drogas, homicídios, porte ilegal de armas, desordem entre outros.

Nas sessões conversas podemos constatar que após um longo período de exclusão na sociedade, estes sujeitos decidem se inserir em atividades culturais na comunidade a fim de recuperar o tempo "perdido". Nesse momento, a maioria dos idosos/as estão aposentados e com suas "famílias criadas", mas sobretudo, estão carregados de saberes e experiências adquiridas ao longo da vida.

A esse respeito Freire (1996), relata que seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas as múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude.

Considerando a necessidade de que se resgate a Identidade dos quilombolas da comunidade, compreende-se que os círculos de cultura nos possibilitaram ouvir e debater com os indivíduos da comunidade aspectos referentes às origens e diversidades locais. A nossa intenção com os círculos de Cultura com esses sujeitos foi dar visibilidade à transformação das dimensões concretas da realidade, numa busca engajada do historicamente possível "ou daquilo que impossível tornamos possível em determinado momento histórico" (FREIRE, 2008, p.232).

Esses encontros serviram para o exercício consciente da cidadania, num processo formativo que se configura como atividade humana desenvolvida de forma intencional e diretiva por sujeitos mediatizados pelo mundo (FREIRE, 2002). Essa escuta deu-se por meio de narrativas de múltiplas vozes que ecoaram num discurso, seja nas sessões conversas com os idosos/as, seja no cotidiano vivenciado na comunidade onde os sentidos foram se construindo e se recriando e os sujeitos teceram "[...] seus conhecimentos de todos os tipos, buscando discutir, assim, o que poderíamos chamar o fazer curricular cotidiano [...]" (ALVES; GARCIA, 2002, p. 17).

Para compreender as identidades dos idosos quilombolas que participaram desta pesquisa foi importante escutá-los, não simplesmente para decodificar as suas mensagens, mas para compreender os sentidos que foram produzidos em condições determinadas e o que esses sentidos têm a ver com o que é/foi vivido pelos sujeitos, suas experiências, suas histórias de vida.

Compreendemos que, portanto, que o processo cultural da comunidade, provém, sobretudo, de um amplo campo de relações sociais estabelecidas entre os sujeitos da comunidade com a sociedade local, uma vez que acreditamos que é através da cultura, que homens e mulheres criam as regras, possibilitando, a comunicação entre os sujeitos e os grupos que estão inseridos, assim, eles se inserem ao meio podendo modificá-lo.

No caso específico deste grupo social, podemos observar que a ruptura com as tradições dos antepassados foi forjada a partir da hierarquização étnica existente no município que foram forjadas no contexto das relações sociais, leia-se sistema de escravidão em que as relações entre brancos e negros se deram no interior desta sociedade. (RODRIGUES, 2006).

Neste contexto, ao sentirem-se excluídos da sociedade, muitos quilombolas negaram/am suas origens como forma de camuflar sua identidade. Acreditando que somos educados pelo meio socioculturais para enxergar certas diferenças, as quais fazem parte de um sistema de representações construído socialmente por meio de tensões, conflitos, acordos e negociações sociais (RODRIGUES, 2006).

Nesse contexto muitos idosos/as idosas da comunidade estão inseridas em movimentos culturais através da dança passando sua cultura deixada pelos antepassados. Dentre essas danças na comunidade podemos constatar a presença da Baianada, coco, pastoril e a dança da peneira. Considerando esse conceito, ressaltamos um trabalho cultural muito importante na comunidade

realizado por um grupo de mulheres idosas da comunidade, que resistem culturalmente e passam seu legado para os mais jovens, lhes ensinando as danças e cantos tradicionais da comunidade.

Diante dessa constatação, podemos afirmar que ao ensinar, aprender e praticar a dança com os jovens está representando uma forma de resistência cultural na comunidade. Considerando, que todos possuem saberes, porém incompletos e inacabados, sempre havendo uma busca pelo aprender, e sempre existindo um tempo para isso, pois não há fim para o ato da aprendizagem enquanto houver vida, e tal aprendizagem também se dá através das relações interpessoais, no diálogo, através dos processos rituais da cultura de uma comunidade tradicional Quilombola Alagoana.

Diante de nosso mergulho na comunidade, podemos perceber que a cultura de origem afro-brasileira é forte e permanece na comunidade superando obstáculos através das gerações, como proibições passadas relacionada a dança. Isso nos fez/faz acreditar que não se pode mais aceitar que nos cotidianos das comunidades quilombolas prevaleça a valorização do conhecimento formal em detrimento dos conhecimentos tradicionais dos próprios moradores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato, apresentamos um pouco da experiência vivenciada no quilombo estudado, como recorte apresentamos o perfil dos sujeitos, reflexões e nossas contribuições para e com a comunidade. Há que ressaltar que o perfil aqui descrito diz respeito aos idosos que participaram da pesquisa, a escolha por esses sujeitos deve-se ao fato de compreendermos que eles são presenças de resistência e preservação da cultura na comunidade.

Compreendemos ainda que esses sujeitos resistem ao silenciamento expondo seus saberes através dos seus cantares, danças e histórias contadas. Entre os aspectos da tradição e cultura na comunidade, destacamos as músicas, contos, causos, lendas urbanas, histórias, entre outros.

Assim, mesmo que de maneira inconsciente usam a tradição oral para dar continuidade às histórias do quilombo e consequentemente preservar sua cultura. Neste sentido, compreendemos a importância desses indivíduos na comunidade, que utilizam táticas para passar adiante os conhecimentos dos seus antepassados quilombolas para a juventude.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Sobre educação:** diálogos (Paulo Freire e Sérgio Guimarães). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

LIMA, Elvira Souza. **A função antropológica do ensino**. Nova Escola, a revista do professor, São Paulo: abril, n138, p.p.9-11, dez 2000.

MOURA, Glória. **Proposta Pedagógica: Educação Quilombola**. IN: SEED (2007: 3-8).

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SACRISTAN. Gimeno, **A educação obrigatória: Seu sentido educativo e social**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.

TAVARES, M, A. **Os fios (in)visíveis da produção capitalista: Informalidade e precarização do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2004.